

**O ESTRANHO MUNDO DE TIM BURTON CHEGA AO STREAMING: UMA
ANÁLISE DA VISUALIDADE EXPRESSIONISTA DE *WANDINHA***

THE STRANGE WORLD OF TIM BURTON COMES TO STREAMING: AN ANALYSIS
OF WANDINHA'S EXPRESSIONIST VISUALITY

EL EXTRAÑO MUNDO DE TIM BURTON LLEGA AL STREAMING: UN ANÁLISIS DE
LA VISUALIDAD EXPRESIONISTA DE WANDINHA

Helena Oliveira Teixeira de Carvalho

Universidade Federal de Minas Gerais -UFMG

ORCID: 0000-0001-6732-2395

Belo Horizonte, MG, Brasil

Recebido: 06/03/2023 / Aprovado: 22/11/2024

Como citar: CARVALHO, H. O. T. de. O Estranho Mundo de Tim Burton chega ao Streaming: uma análise da
visualidade expressionista de Wandinha. Revista GEMInIS, v. 16, p. 187-198, 2025

Direito autoral: Sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.

RESUMO

Consagrado como um dos grandes diretores do cinema contemporâneo, desde o início de sua carreira Tim Burton apresentou uma estética singular, que foge dos padrões de Hollywood. Para compreender melhor a riqueza da visualidade do diretor e como ele a constrói em seu mais recente sucesso, *Wandinha* (2022), o presente artigo irá fazer uma breve abordagem de suas principais obras à luz da influência do Expressionismo alemão e uma análise mais aprofundada da nova série da Netflix.

Palavras-chave: Expressionismo alemão; Visualidade; Tim Burton.

ABSTRACT

Consecrated as one of the great directors of contemporary cinema, since the beginning of his career Tim Burton has presented a unique aesthetic, which deviates from Hollywood standards. To better understand the richness of the director's visuality and how he builds it in his most recent success, *Wandinha* (2022), this article will make a brief approach to his main works in the light of the influence of German Expressionism and a deeper analysis of the new Netflix series.

Keywords: German Expressionism; Visuality; Tim Burton.

RESUMEN

Reconocido como uno de los más grandes directores del cine contemporáneo, desde el comienzo de su carrera Tim Burton ha presentado una estética única que rompe con los estándares de Hollywood. Para comprender mejor la riqueza del estilo visual del director y cómo lo construye en su más reciente éxito, *Wandinha* (2022), este artículo abordará brevemente sus principales obras a la luz de la influencia del expresionismo alemán y un análisis más profundo de la nueva serie de Netflix.

Palabras Clave: Expresionismo Alemán; Visualidad; Tim Burton.

1. INTRODUÇÃO

Nascido no subúrbio de Burbank, Califórnia, em 1958, Timothy William Burton, conhecido como Tim Burton, “cresceu como um *nerd* solitário que se refugiava no mundo da literatura gótica, do universo dos filmes B, da ficção científica, da televisão, dos *cartoons* [...], além de cartazes do *Grand Guignol* (teatro macabro francês)” (ANDRADE, 2014, p.30). Apaixonado por desenho desde criança, recebeu uma bolsa de estudos dos Walt Disney Studios para estudar no Califórnia Instituto os Arts (CalArts), onde se formou em 1979. Logo em seguida, foi contratado pela Disney como aprendiz de animador, onde animou o clássico *O cão e a raposa* (*The Fox and the Hound*, 1981) e *O Caldeirão mágico* (*The Black Cauldron*, 1985). Contudo, sua permanência no estúdio durou pouco: como seu estilo exótico e sombrio não era bem aceito, Burton começou a ficar entediado e pediu demissão. “Foi um período esquisito o da Disney [...]. Mas, com ele, eu tive a chance de me sentar em uma sala e desenhar por um ano” (BURTON apud PERRIN, 1993).

Desde seus primeiros trabalhos, Tim Burton apresentou um estilo inconfundível, que o levou a ser reconhecido como um cineasta autoral dentro da indústria hollywoodiana. Marcado por influências como os filmes da produtora inglesa Hammer, da influente literatura de Edgar Allan Poe e, principalmente, do Expressionismo alemão, que se manifestam na estética gótica de cenários, iluminação com sombras contrastantes e personagens estilizados, Burton conquistou o público e produziu obras-primas que renderam grande lucros para os estúdios.

Para melhor compreender a estética singular do diretor e assim contribuir para a ampliação do horizonte teórico-conceitual da estética audiovisual, o presente artigo irá fazer uma breve abordagem de suas principais obras à luz da influência do Expressionismo alemão e dedicará ainda uma análise mais aprofundada da série *Wandinha* (*Wednesday* 2022), seu mais recente sucesso na plataforma de streaming Netflix.

2. O GABINETE DO DR. TIM BURTON

Luiz Nazário (2021) destaca que os primeiros trabalhos de Burton já o colocaram fora da órbita da estética dominante. Pode-se observar que *Vincent* (*Vincent*, 1982), seu filme de estreia, produzido a partir de uma mistura de várias técnicas – 3D, *stop-motion* e 2D – traz uma estética expressionista muito semelhante à do filme *O Gabinete do Dr. Caligari* (*Das Cabinet des Caligari*, 1920): fortes contrastes entre claro e escuro, um mundo de sombras e escuridão, cenografia delirante, com cenários geometricamente angulosos e símbolos monstruosos na composição da cena, perspectivas e pontos de vistas oblíquos e atores com expressões e gestos desvairados, deformando-se como os objetos da cena.

Baseado num poema escrito pelo próprio diretor, o curta é um tributo ao seu grande ídolo, Vincent Price, famoso ator de filmes de terror. O protagonista, Vincent Malloy, traz características semelhantes às dos personagens de *O Gabinete do Dr. Galigari*, como palidez e olheiras escuras e profundas, e sua representação também é bastante estilizada – os traços do rosto e a movimentação do boneco são exagerados, dramáticos em excesso, altamente teatrais, típico nas obras expressionistas. No curta, Burton opta pela narração em voz *over*, feita pelo próprio Vincent Price, ao invés do uso de diálogos, o que o aproxima ainda mais das estéticas expressionistas. Tal opção do diretor potencializa a expressividade da imagem e da *mise-en-scène*, qualidade que pode ser encontrada nos clássicos do cinema mudo.

Nesse início, Burton fez diversas produções para TV, como *Frankenweenie* (*Frankenweenie*, 1984), uma paródia em *live-action* do clássico *Frankenstein* (*Frankenstein*, 1931), em que o menino Victor tenta ressuscitar seu cãozinho que morreu atropelado. Em 1985, o diretor fez seu primeiro longa-metragem, *As grandes aventuras de Pee-Wee* (*Pee-Wee's Big Adventure*, 1985). Nazario define o filme como “uma sucessão de gags visuais que incluem uma versão de Tequila com Pee-wee dançando sobre um balcão com sapatos de saltos enormes para deter as manifestações agressivas de cowboy machistas” (NAZARIO, 2021, p.02). Pode-se observar que essas primeiras produções já revelam não só o estilo gótico do diretor, mas também sua habilidade na construção de seu universo visual tanto em animação quanto em *live-action*.

Mesmo com obras que se distanciam da estética dominante dos *blockbusters* de Hollywood, Tim Burton aceitou dirigir a trilogia hiper comercial *Batman - Batman* (*Batman*, 1989), *Batman, o retorno* (*Batman, returns*, 1992), *Batman para sempre* (*Batman Forever*, 1995). O que mais impressiona no filme, que é baseado na *graphic novel* de Frank Miller, é o ambiente sombrio de Gotham City, cuja atmosfera é bastante influenciada pelo clássico expressionista *Metrópolis* (*Metrópolis*, 1927), de Fritz Lang, e que rendeu um Oscar de Melhor Direção de Arte para o longa de 1989. Gabriela Leite e Mariana Alves (2008) consideram ainda que, além do Expressionismo, *Batman* se aproxima do gênero *noir*.

Batman apresenta várias características do gênero *noir*, como por exemplo, o mundo em que os personagens estão inseridos é cínico e antipático. Apesar de não ser em preto-e-branco, há uma ampla utilização de sombras e contrastes. O enredo é baseado em crimes, corrupção e fraqueza moral. Além disso, a obra se passa em um ambiente urbano, geralmente à noite, o que configura ao filme um aspecto fúnebre. Uma divergência entre Batman e os filmes *noir* é que no primeiro, as personagens não são redondas, ou seja, os “bonzinhos” e os “mauzinhos” continuam o sendo até o final – apesar de o “herói” não passar uma imagem totalmente inocente e humilde, ele nunca chega a ser mau. O personagem central do filme, Bruce Wayne (Michael Keaton) é bastante peculiar. Seus conflitos interiores parecem dificultar a empatia que os

espectadores poderiam sentir pelo personagem. Ele não é um herói típico, simpático, amado por todos, mas um milionário excêntrico, cético e atormentado pela morte dos pais quando era ainda uma criança. (LEITE; ALVES, 2008, p.9)

A influência da estética do Expressionismo alemão pode ser observada na maioria das obras de Burton, como em *Edward, Mãos de Tesoura* (*Edward Scissorhands*, 1990), filme que traz um dramatismo tenso com poucos diálogos, uso de câmera lenta, personagens caricaturais e uma iluminação que sofre intensa diferenciação entre o ambiente em que Edward vivia e o bairro classe média, num interessante jogo entre claro e escuro, típico do Expressionismo; em *O estranho mundo de Jack* (*The Nightmare before Christmas*, 1993), que não foi dirigido por ele, mas foi idealizado e produzido por Burton; e em *A Noiva Cadáver* (*The Corpse Bride*, 2005), um dos filmes em que essa influência é mais evidente: realizado em *stop-motion*, aparenta querer transformar o feio em belo para a sociedade - afinal, o mundo que era colorido e divertido, era o mundo dos mortos, enquanto um mundo que, para o “real”, é conhecido como horrível, feio e triste.

Tim Burton possui uma filmografia extensa, com grandes sucessos de bilheteria e crítica e que o consagraram como um dos mais conceituados diretores do cinema mundial. Com seu estilo gótico e mórbido e uma visualidade singular, produziu obras, como, além das já citadas, *Os fantasmas se divertem* (*Beetlejuice*, 1988), *Ed Wood* (*Ed Wood*, 1994), *Marte Ataca* (*Mars Attack!*, 1996), *A Fantástica Fábrica de Chocolate* (*Charlie and the Chocolate Factory*, 2005), *Sombras da Noite* (*Dark Shadows*, 2012) e muitos outros.

Os filmes de Tim Burton desenvolvem-se segundo a lógica do desenho animado, onde tudo pode acontecer. Ele sabe que o controle remoto da TV modificou a percepção das pessoas e que o mundo se tornou muito estranho. Pertence a uma geração extremista e desintegrada, que cresceu assistindo a filmes B, onde os heróis eram os monstros: “Não há mais o Bem e o Mal, apenas confusão e ambivalência”. Ele encontra, contudo, uma salvação na arte: “O trabalho num filme assemelha-se ao trabalho em uma gigantesca escultura, que cresce lentamente em direção ao céu, e sobre a qual ninguém sabe com o que, no fim, se parecerá, nem que altura atingirá. Ninguém pode controlar um filme”. É nesse vazio de certezas que Burton cria parábolas originais e esquisitas. Tim Burton deve à sua formação de desenhista a inspiração plástica. Não é um filmmaker no sentido clássico. Só a bizarrice o inspira. Nunca está bem certo sobre o que seja a “realidade”. Contudo, olhando de perto, seus heróis não escapam à cosmogonia do conglomerado. (NAZARIO, 2021, p.16)

3. O EXPRESSIONISMO DE BURTON EM *WANDINHA*

A história de uma das famílias mais famosas do cinema e da televisão, a Família Addams, surgiu em 1930 a partir das tirinhas do cartunista norte-americano Charles Addams. Nelas, Addams fazia uma sátira da família americana ideal, recriando-a em uma versão mórbida e irônica. A narrativa ficou tão famosa que desde então ganhou uma série de versões, mantendo sua popularidade mesmo após quase um século do seu nascimento.

A primeira versão audiovisual da história foi uma série de TV produzida pela ABC, entre 1964 e 1966. A série durou apenas duas temporadas, o que foi suficiente para se eternizar no imaginário popular. O sitcom, que trazia tons sombrios e sinistros, construiu uma narrativa divertida e atraente a partir do conflito entre os valores da família Addams e o que era considerado “normal”. Em 1977, a NBC promoveu um tributo à série de TV dos anos 1960, *Halloween com a Nova Família Addams*, que reuniu boa parte do elenco original em um telefilme. Na década de 1990, os Addams chegam ao cinema com o filme *A Família Addams (The Addams Family, 1991)*, de Barry Sonnenfeld. Adaptado para audiências mais modernas, o elenco incluiu nomes de peso, como Anjelica Houton (Mortícia), Christopher Lloyd (Tio Fester) e Christina Ricci (Wandinha). A história que envolve um agiota que pretende tomar posse dos bens dos Addams, marcou toda uma geração, reforçando seu apelo popular junto ao público. O sucesso do longa foi tão grande que, em 1993, a Paramount, estúdio responsável pela produção, produziu sua sequência, mantendo o diretor Barry Sonnenfeld e o elenco original. A saga dos Addams ganhou ainda versões em animação e novos projetos de séries e telefilmes, mas que não tiveram o mesmo êxito do que as produções de 1966 e 1991.

Em 2022, a primogênita dos Addams, Wandinha, ganhou uma série para chamar de sua na plataforma de streaming Netflix, com direção de Tim Burton que, como viu-se anteriormente, ajudou a construir nosso imaginário fantástico trevoso nas últimas décadas. Na série, que já tem sua segunda temporada confirmada, Wandinha, interpretada por Jenna Ortega, é uma adolescente que após ser expulsa de diversas escolas tradicionais é enviada pelos pais à Academia Nunca Mais, escola onde eles estudaram e que reúne criaturas especiais, excluídas pela sociedade padrão – vampiros, sereias, lobisomens, bruxas. Além de ter que se adaptar à nova escola, a protagonista ainda precisa desvendar os mistérios que rondam a escola e sua família.

Logo nas primeiras cenas do primeiro episódio já é possível identificar as impressões digitais do diretor Tim Burton. Os integrantes da família, Mortícia Addams (Catherine Zeta-Jones), Gomez Addams (Luís Guzmán), Feioso Addams (Isaac Ordonez) e a protagonista Wandinha trazem uma caracterização mórbida, com a pele muito pálida e roupas pretas, contrastando com os cenários e ambientes ao redor, coloridos e com cores vivas, como é possível observar nas cenas da escola onde

Wandinha joga piranhas na piscina. Outra sequência em que é possível observar esse contraste é quando a família vai para a Academia Nunca Mais: o carro preto, com modelo antigo e fúnebre, destoa na estrada cercada por árvores com cores vivas, ensolarada, e faz cair urubus mortos por onde passa. A sequência da chegada do carro da família na escola marca a transição entre os dois universos: o mundo ensolarado, colorido, fica para trás e dá lugar a um cenário sombrio, com o clima nublado e chuvoso, com predominância de tons escuros. O espectador é levado da luz às trevas.

Figura 1 – Contraste de cores na cena em que Wandinha chega a escola



Fonte: Netflix

A escola é o principal expoente da influência expressionista na estética visual da série. Com uma arquitetura gótica, observa-se uma cenografia delirante, com cenários geometricamente angulosos, portões altos, estruturas pontiagudas, escadaria imponente e símbolos monstruosos na composição da cena, como estátuas de gárgulas. Além da composição dos cenários, as cenas na escola trazem uma iluminação com sombras contrastantes, perceptivas e pontos de vistas oblíquos e personagens estilizados, com expressões e gestos marcantes e desvairados. O espectador é apresentado à escola e introduzido ao mundo expressionista junto com a protagonista, durante um tour com Ednid (Emma Myers), sua nova colega de quarto. Pode-se dizer que a escola traz toda a dramatização do espaço fílmico e a riqueza da visualidade sombria de Burton.

Um dos cenários que mais traduzem essa dramatização é o grande vitral redondo que há no quarto de Wandinha e Enid: a metade do lado de Enid é colorido enquanto a metade de Wandinha é marcada por tons em preto e branco. A divisão contrastante do vitral e do quarto traduz a personalidade de cada uma – Enid é uma menina lobisomem alegre, cheia de vida, enquanto Wandinha é mórbida e sombria. Entretanto, pode-se ir além nessa análise da divisão de cores e luz do quarto. O vitral representa os dois lados da personalidade da própria Wandinha: o lado escuro,

mórbido, egoísta e o lado bom, iluminado, que se importa com quem ama e é defensora dos fracos e oprimidos, como o irmão Feioso e o amigo Eugene (Moosa Mostafa) – por mais que a personagem não admita. Aqui resgata-se a oposição de luz e sombra como a tradução da oposição entre bem e mal que marcou os filmes do Expressionismo.

Figura 2 – Vitral no quarto de Wandinha e Enid



Fonte: Netflix

Outro cenário marcante da série, que é quase um personagem independente, assim como a escola, é a floresta. Os acontecimentos misteriosos, como a série de assassinatos que rondam a escola e a cidade de *Jericho* acontecem majoritariamente na floresta. Logo no primeiro episódio, enquanto Wandinha chega à escola, um turista é assassinado no local. Ainda no episódio inicial, o jovem Rowan (Calum Ross), que persegue Wandinha por conta de mistérios do passado, a atrai para a floresta, onde a ataca, mas acaba sendo assassinado por uma criatura misteriosa. Mas é no quarto episódio que a floresta ganha uma aura marcadamente expressionista. Durante o baile da escola, Eugene vai a floresta para investigar sobre a criatura que tem realizado os assassinatos. Wandinha, que está no baile, tem uma de suas visões e vê que o amigo está em perigo, correndo imediatamente para encontrá-lo na floresta. Toda a sequência de Eugene e Wandinha na floresta é marcada pelo forte contraste entre luz e sombra. A cena de Wandinha correndo em meio as árvores, feita em plano geral, em que a névoa branca e a claridade da luz da lua contrastam com a silhueta escura das árvores e da personagem, nos remete a cena de *A Noiva Cadáver*, em que o protagonista Victor foge para a floresta depois do desastre do jantar de noivado. A cena também remete às sequências no pântano do clássico *Aurora* (*Sunrise*, 1927), de F.W Murnau, marcadas por uma fotografia em fortíssimo preto e branco, cheia de sombras e de nuances.

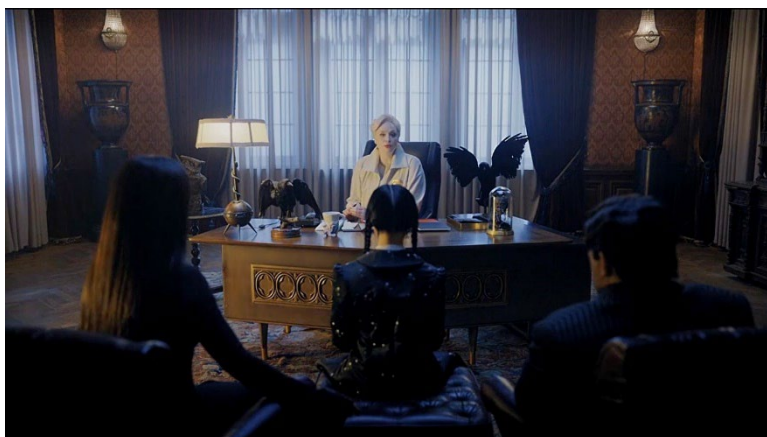
Figura 3 – Floresta como personagem



Fonte: Netflix

A caracterização expressionista de Burton também pode ser observada na teatralização das personagens, principalmente de Wandinha. A personagem é de poucas palavras e muita expressividade no rosto e nos gestos. Outra personagem que tem uma expressividade corporal marcante é a diretora Weems (Gwendoline Christie), da Academia Nunca Mais. Aqui observa-se o mesmo que já foi pontuado em *A Noiva Cadáver*: a interpretação e caracterização expressiva das personagens é uma herança do cinema mudo, em que os diálogos são dispensáveis para construir o sentido da narrativa. Outra herança do Expressionismo é a perambulação da protagonista por dois mundos – real e imaginário – representada na série pelas visões de Wandinha, ora de acontecimentos passados, ora futuros, essenciais para a condução da narrativa.

Figura 4 – Caracterização expressiva dos personagens



Fonte: Netflix

Como dito anteriormente, as influências do Expressionismo alemão se manifestam desde os primeiros trabalhos de Tim Burton - nos cenários, iluminação, caracterização e interpretação de personagens. Com a breve análise de *Wandinha*, pode-se observar que a influência do Expressionismo está na força da visualidade - nos cenários, na iluminação, na caracterização dos personagens - que é capaz de traduzir os sentimentos dos personagens, suas personalidades e assim contar a narrativa além do uso de diálogos. Além disso, observa-se que, mesmo sendo uma série sonora, com diálogos e músicas, Burton recorre a elementos da sintaxe cinematográfica, como panorâmicas exploratórias, *close-up*, montagem de eventos simultâneos e variações nos ângulos que, segundo Eduardo Vicentini (2020), enriquecem a experiência do espectador com o filme, retomando a riqueza da visualidade do cinema mudo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consagrado um dos melhores diretores do cinema contemporâneo, Tim Burton apresentou uma estética singular desde o início de sua carreira, fugindo da órbita da estética dominante. Fã dos filmes de terror da produtora Hammer, da literatura de Edgar Allan Poe e do Expressionismo alemão, liderado por F.W Murnau, Fritz Lang e Robert Wiene, traz uma nova visão do universo gótico, mórbido e uma inversão dos conceitos de monstro e de “bem” e de “mal”. Já em *Vincent*, seu filme de estreia, é possível ver as influências expressionistas, com cenários pontiagudos, sombrios, jogo de luz e sombra e interpretação exagerada dos personagens. Até mesmo em seu projeto mais comercial, a saga *Batman*, o diretor imprimiu sua identidade e trouxe uma *Gotham City* com uma atmosfera sombria, grandiosa, semelhante ao clássico expressionista *Metrópolis*, de Fritz Lang.

Nesse contexto, pode se observar que *Wandinha*, seu mais recente sucesso, carrega as influências do Expressionismo, com cenários dramatizados, ângulos oblíquos, intenso jogo de luz e sombra e perambulação entre o real e o imaginário. Na série para o streaming, Tim Burton traz uma inversão de valores e de papéis entre os humanos e os monstros, o bem e o mal. Afinal, os vilões aqui são os humanos comuns, que perseguem as criaturas especiais. Além disso, a própria *Wandinha* é uma personagem que traz essa inversão e uma dualidade: as maldades da protagonista são realizadas contra aqueles que praticam *bullying* e perseguem seus pares, como os alunos que prendem seu irmão no armário da escola no primeiro episódio e os chamados Peregrinos de Jericho, que perseguem e armam diversas situações constrangedoras contra os alunos de Nunca Mais.

Com essa breve passagem pelas principais obras do diretor e com uma análise mais aprofundada da visualidade de *Wandinha*, pode-se concluir que Tim Burton não simplesmente copiou aqueles que o inspiravam, mas compreendeu seus estilos e os adaptou, acrescentando um toque

pessoal e realizando novas experiências. Mesmo realizando filmes sonoros, com diálogos e, até mesmo, musicais, o diretor articula diferentes elementos cinematográficos, de forma que dramatiza a *mise-en-scène* e potencializa a experiência visual do espectador – herança do cinema mudo que agora traz para o streaming.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ana Lúcia. “**Intertextualidade no cinema de Tim Burton**”. In: *Avanca Cinema International Conference 2014*. Avanca, Portugal: Edições Cine-Clube de Avanca, 2014 (pp. 736-741).

EBERT, R. **Burton’s dreamy “nightmare”**. Chicago Sun-Times. <http://www.timbartoncollective.com/articles/nmbc8.html>. Acesso em 02/02/2023

NAZARIO, L. **Aula 07 – A estética expressionista de Tim Burton**. Disciplina O cinema mudo contemporâneo. Programa de Pós-Graduação em Artes, UFMG, 2021/2022.

VICENTINI, Eduardo. **O silêncio e a sintaxe fílmica**. Pernambuco: Editora UFPel, 2020.

PERRIN, Elizabeth. **Tim Burton guides to the screen another tale from the dark side**. The Chicago Sun-times. <http://www.timbartoncollective.com/articles/nmbc16.html>. Acesso em 02/02/2023

SOARES, Anna Claudia. **O Gabinete do Dr. Tim Burton: estilo e Expressionismo Alemão em *Vincent* (1982) e *A Noiva Cadáver* (2005)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens – Universidade Tuiuti do Paraná, 2019

LEITE, Gabriela; ALVES, Mariana. Sobre a possibilidade de os filmes comerciais apresentarem características de “filmes de arte” a partir do trabalho do diretor Tim Burton. In: **Revista Anagrama**. Ano 1, 3ª ed. São Paulo, 2008

Informações sobre o Artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese: Não se aplica

Fontes de financiamento: CAPES

Apresentação anterior: Não se aplica

Agradecimentos/Contribuições adicionais: Não se aplica

Helena Oliveira Teixeira de Carvalho

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Artes na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Comunicação pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Belo Horizonte (MG). Brasil.

E-mail: helena.otc@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6732-2395>